



A acusação do presidente do Sri Lanka Maithripala Sirisena de que os serviços de segurança do país tinham conhecimento prévio dos oito ataques "jihadistas" em 22 de Abril que deixaram centenas de vítimas, e lho esconderam, mostra uma grande e grave fractura o seio do poder do país apelidado de "Índia organizada".

A República Democrática Socialista do Sri Lanka é um pequeno estado de 21 milhões de habitantes, compostos por cingaleses e uma minoria Tâmil (cerca de 13%), e de religião predominantemente budista, e também por grupos de fé hindu, islão-sunita e cristã . A nação estava a recuperar não apenas de uma longa guerra civil de 26 anos (1983-2009) entre a milícia independentista Tigres Tâmil e o exército, que deixou dezenas de milhares de mortos, mas também do devastador tsunami do Oceano Índico de 2004, que arrebatou a vida de 35.000 pessoas.

O antigo Ceilão, um país insular situado no Oceano Índico e a sudeste do Mar da Arábia, que vive do turismo, das exportações de têxteis e chá (cujas plantações trabalham principalmente mulheres), e é também o maior produtor mundial de canela, tinha conseguido um crescimento económico de 4,6% em 2017 e reduzido consideravelmente a pobreza. A ilha foi durante a Guerra Fria um dos "Não alinhados", próximo da China e da União Soviética, e tem a honra de ser o primeiro país do mundo a ter uma mulher primeiro-ministro, Sirimavo Bandaranaike em 1960.

Com o fim da ordem mundial unipolar, marcado pelo protagonismo de China, Rússia e Índia, hoje o Sri Lanka está a ser objecto de disputa entre as potências. A geopolítica marítima e da militarização das águas do planeta, às vezes sob pretextos ridículos lutar contra os "piratas somalis", está a arrastar o país para uma grave crise política.

A importância geopolítica do Sri Lanka

É o único estado insular do sul da Ásia.

Ele está localizado no centro do Oceano Índico, a ligação entre a Ásia Ocidental e o Sudeste Asiático, que conecta o comércio marítimo este-oeste. Pelas águas deste oceano, que cobrem cerca de 20% da superfície do planeta, passa 70% do comércio mundial de petróleo, com a Índia e a China à cabeça dos consumidores de energia fóssil.

Possui portos estratégicos como Colombo ou Trincomalee.

Dentro da política dos EUA para dominar o Sul da Ásia, é um candidato a substituir o Paquistão, país que está a entrar na órbita chinesa.

É o espaço onde evolui a batalha entre China-Japão, Índia-China e EUA-China pelo controlo das rotas marítimas do Oceano Índico.

Um antes e um depois de 2015

Desde que Barak Obama centrou [a sua doutrina na contenção da China](#), uma política prosseguida por Donald Trump, o Sri Lanka é uma das obsessões dos Estados Unidos. Em Dezembro de 2009, o Comitê de Relações Exteriores do Senado advertia que a "*deriva estratégica do Sri Lanka*" em direcção à China durante o governo do presidente Mahendra Rajapaksa "*teria consequências para os interesses dos EUA na região*." E como não podia acusar o governo budista de Colombo de "patrocinar o terrorismo islâmico", recorreu ao segundo de seus argumentos favoritos: "atropelar os direitos humanos". Pelo que, através dos "peritos" da ONU levantou a suspeita de que o governo Rajapaksa poderia ser responsável por crimes de guerra durante e após a guerra civil matou cerca de 40.000 civis.

Em 2013, a ONU aprovou uma resolução pedindo investigações "independentes" a esse respeito. A cereja coloca-a o então primeiro-ministro britânico David Cameron (cujo governo, além de estar envolvido em crimes de guerra no Afeganistão e no Iraque, aumentou venda de armas ao governo do Sri Lanka, prolongando a guerra civil), que deu um ultimato a Rajapaksa exigindo uma investigação credível sobre a matança dos tâmil. Meses depois, e ante da proibição imposta por Colombo à equipe da ONU de entrar nas antigas zonas de conflito, os EUA advertem: "*a paciência da comunidade internacional começa a esgotar-se*".

A esta pressão sobre Rajapaksa junta-se o governo [indiano de extrema-direita](#) que considera o Sri Lanka o seu pátio das traseiras, não só porque Rajapaksa retirou o seu país a da influência de Nova Deli, entregando à China os megaprojectos de infraestrutura, mas também por autorizar a atracação de submarinos chineses no porto de Colombo.

A partir de 2014, a entrada em pleno do Sri Lanka no projecto chinês da Nova Rota da Seda sela o seu destino. Pequim, que já cooperou com este país para reconstruir as áreas devastadas pelo tsunami de 2004, assinou um acordo para fazer um investimento de US \$13 milhares de milhões no porto de Colombo e transformá-lo em Colombo International Financial

City, à imagem do Dubai no Golfo Pérsico e, de passagem, reconstruir o porto de Hambantota por outros 5.000 milhões. Esses projectos fazem parte da estratégia do "Colar de Pérolas" da China, que consiste em alugar portos, em princípio para fins comerciais, e se estende desde as águas chinesas até ao Oceano Índico e ao Golfo Pérsico: o Kyauk Phru (Burma), o Gwadar (Paquistão) ou o Chittagong (Bangladesh) e o Bandar Abbas (Irão) são alguns deles.

Em 2015 acontece uma viragem radical nos acontecimentos: Rajapaksa acusa o Ocidente e os serviços de informações indianos, o Research and Analysis Wing (RAW), de conspirar para o derrubar do poder enquanto o primeiro-ministro Maithripala Sirisena pratica vira-casaquismo, junta-se ao opositor Partido da Unidade Nacional (PUN) pró-Índia-EUA, e apresenta-se às eleições presidenciais. Na véspera, o ex-secretário de Estado dos EUA, John Kerry, telefona a Rajapaksa (intervindo em eleições estrangeiras!) para insistir que elas devem ser "livres e justas" e deve entregar o poder "de forma pacífica" a Sirisena no caso de ele ganhar. Finalmente, para garantir os resultados, envia a subsecretária para a Ásia do Sul e Central, Nisha Biswal, a visitar o Sri Lanka.

Sirisena, que focou a sua campanha na cinofobia, vence as eleições com o apoio dos grupos tâmil e muçulmano, causando euforia em Washington. Nova Deli será o destino de sua primeira visita oficial ao estrangeiro.

O novo presidente nomeia o líder do PNU, Ranil Wickramasinghe, como primeiro-ministro. Os EUA deixam de falar nos "crimes de guerra" do Sri Lanka, e renunciam a que seja um tribunal internacional independente quem os investigue.

No entanto, a China vai continuar a estratégia de "acupuntura" (*versus* "ataques cirúrgicos" dos EUA) e, discretamente, corteja Sirisena: constrói um hospital na sua circunscrição local e continua a oferecer-lhe investimentos vantajosos. Em 2017, o Sri Lanka - enredado na chamada "armadilha da dívida" - arrenda 70% do porto marítimo de Hambantota à China por um período de 99 anos e em troca de 1,1 mil milhões de dólares, para assim pagar parte da sua enorme dívida a Pequim, e de passagem compra-lhe aviões de transporte militar.

A festa no Ocidente durou pouco: Ranil é demitido por Sirisena em 26 de Outubro de 2018, depois de este o criticar por congelar os projetos económicos da Índia, favorecendo a China; dissolve o Parlamento; e nomeia o ex-presidente Rajapaksa como chefe do gabinete. Por sua vez, Sirisena afirma que Nova Deli tinha conspirado para o assassinar. A irritação dos EUA é monumental, enquanto Pequim felicita Rajapaksa.

Em 16 de Dezembro, sob forte pressão de Washington e do próprio Parlamento do Sri Lanka, que o acusa de "tentativa de golpe de Estado" e o exorta ao "cumprimento da Constituição" - que proíbe o Presidente de demitir o primeiro-ministro -, Sirisena recua e devolve o posto a Wickremesinghe, confessando: "*Continuo a pensar que não deveria tê-lo nomeado primeiro-ministro*". Os EUA e a Índia ganham, de momento.

Uma ardente Guerra Fria nos mares

No passado 13 de Março, dois Boeing B-52H Stratofortress dos EUA descolaram da base da Força Aérea Andersen em Guam para sobrevoar as ilhas controladas por Pequim no Mar do Sul da China; em 11 de Fevereiro, dois destroyers lança-mísseis norte-americanos, o USS Spruance e o USS Preble, navegaram a poucas milhas das ilhas Spratly, sob o pretexto da "liberdade de navegação e sobrevoo apoiada pela Convenção sobre o Direito do Mar". O objectivo destas provocações de Trump-Bolton não é a persuasão, eles sabem que a China não vai retirar-se. Imaginam que os caças chineses ou seu único porta-aviões passem pelo céu e as águas do Golfo do México?

De momento, a guerra entre as duas superpotências é comercial, política, diplomática e cibernética. Obviamente, medidas como a imposição de tarifas de até 200.000 milhões de dólares às importações chinesas não são para proteger a economia dos EUA, mas para destroçar a da China. Também, com o mesmo objectivo, sacrificaram o Paquistão - um dos pilares de domínio de Washington na Ásia Oriental - para cortejar a Índia e convertê-la num aliado militar (Obama foi o único presidente dos EUA que viajou duas vezes a New Deli) ; Ocupou o Afeganistão; aumentou o ritmo das chamadas Operações de Liberdade de Navegação (FRONOP), em que não exclui o uso da força militar; e fortaleceu as suas bases militares nas vizinhanças da China e privou-a do petróleo do Irão. Trata-se de uma guerra multidimensional de desgaste como a que organizou contra a União Soviética.

Os recentes atentados são uma oportunidade para os EUA (como o foi o "sequestro das meninas nigerianas") oferecerem ao Sri Lanka a sua "ajuda" para a luta contra o terrorismo, o envio de assessores e, talvez, instalar uma base militar. Milhares de "jihadistas," depois de cumprir a sua missão de destruir o Estado sírio, foram transferidos pela CIA para Arco de crise na Ásia Central e Orienta para continuarem a fazer de paramilitares e "abre-caminhos" da NATO nos países estratégicos .

Em 18 de Abril de 2019, a Sétima Frota da Marinha dos EUA deteve-se em Hambantota. Ia realizar o exercício da CARAT (Cooperation Afloat Readiness and Training), juntamente com outros Estados aliados no porto de Hamantota, o mais antigo exercício da Marinha dos EUA (desde 1995) que tem lugar no Sul e Sudeste da Ásia, para mostrar músculo aos chineses e "garantir a segurança marítima em todo o Indo-Pacífico". No dia dos atentados as manobras foram suspensas.

Se os serviços de informações indianos, que cooperam estreitamente com sua contraparte americana, conhecia o plano dos ataques, será possível que a NSA não os conhecesse?

Fonte: <https://blogs.publico.es/puntoyseguido/5759/sri-lanka-en-el-gran-juego-de-eeuu-e-india-contr-china/>